

A DOCTRINA DAS IDÉIAS EM PLATÃO

Paulo César Nodari

Resumo: O presente artigo não tem como objetivo apresentar uma interpretação nova ou inédita da Doutrina das *Idéias* em Platão. Por isso, apoiado na interpretação de Giovanni Reale dos diálogos platônicos, este trabalho objetiva uma leitura, por assim dizer, geral da doutrina platônica das *Idéias*. Com tal intento, o artigo se divide fundamentalmente em três partes: 1) o plano da Teoria das *Idéias* como o primeiro momento da chamada *segunda navegação* platônica; 2) as características principais das *Idéias*; 3) o problema da relação entre o mundo das *Idéias* e o mundo sensível.

Palavras-chave: Platão, teoria das idéias, sensível, inteligível, mutável, imutável.

Abstract: This article does not aim at presenting a new or unpublished interpretation of Plato's Doctrine of *Ideas*. Backed up by Giovanni Reale's interpretation of the platonic dialogues, it intends to propose a general reading of the platonic doctrine of *Ideas*. Bearing this in mind, the paper is mainly divided in three parts: 1) the level of the Theory of Ideas as the first moment of the so-called platonic *second navigation*; 2) the main characteristics of the *Ideas*; 3) the problem of the relationship between the world of *Ideas* and the sensible world.

Key words: Plato, theory of ideas, sensible, intelligible, variable, invariable.

Este artigo não tem a pretensão de apresentar uma interpretação nova da *Doutrina das Idéias em Platão*. À luz da interpretação de Giovanni Reale, esta reflexão objetiva expor, por assim dizer, uma leitura geral da doutrina platônica das *Idéias*, a qual será explicitada em três momentos: a) A *segunda navegação* e a conquista da teoria das *Idéias*; b) as características principais das *Idéias*; c) o problema da relação entre o mundo das *Idéias* e o mundo sensível.

Logo de início, é importante explicitar que *Idéia* é um dos termos mais importantes e mais abundantemente usados na filosofia moderna. Sua definição e papel decisivos variam nos diferentes filósofos e suas interpretações geraram debates que chegaram até nossos dias.

De fato, nós, modernos, entendemos por “*Idéia*” *um conceito, um pensamento, uma representação mental*, enfim, algo que nos transporta ao plano psicológico e noológico; ao contrário, Platão entendia por “*Idéia*”, em certo sentido, algo que constitui o *objeto específico* do pensamento, para o qual o pensamento está voltado de maneira pura, aquilo sem o qual o pensamento não seria pensamento: em suma, a *Idéia* platônica não é de modo algum um puro ser da razão e sim um ser e mesmo *aquele ser que é absolutamente, o ser verdadeiro*¹.

Para Platão, as *Idéias* não são, por conseguinte, simples conceitos ou representações mentais. Não são simples pensamentos, mas aquilo que o pensamento pensa quando liberto do sensível. Constituem o verdadeiro ser, o ser por excelência. São as essências das coisas. Aquilo que faz com que cada coisa seja aquilo que é. Representam o modelo permanente de cada coisa. São, de acordo com Platão, *em si e por si*. Isto indica seu caráter de não relatividade e de estabilidade. Afirmar, portanto, sua existência *em si e por si* significa confirmar o caráter absoluto das *Idéias*. Ou seja, não são apenas relativas a um sujeito particular, tampouco são realidades que possam ser forçadas ao sabor dos caprichos e gostos de cada sujeito. Mas, pelo contrário, impõem-se de modo absoluto. São, portanto, o ser verdadeiro².

a) A segunda navegação e a conquista da teoria das *Idéias*

A descoberta da existência de uma realidade supra-sensível é ponto fundamental de toda filosofia platônica. Platão empreendeu aquilo que simbolicamente se denomina de *segunda navegação*³. Na antiga linguagem dos

¹ G. REALE, *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*, São Paulo, Loyola, 1994, 61.

² Cf. Idem, *Ibidem*, 63.

³ Acerca da grande metáfora da *segunda navegação* como símbolo do acesso ao supra-sensível, cf. Idem, *Ibidem*, 52-58. Da importância desta metáfora na história do pensamento ocidental, cf. IDEM, *Para uma nova interpretação de Platão. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”*, São Paulo, Loyola, 108-113.

homens do mar, *segunda navegação* dizia-se daquela que se realizava quando, cessado o vento e não funcionando mais as velas, recorria-se aos remos. A *segunda navegação*, feita com remos, é muito mais cansativa, exigente e corresponde ao novo tipo de método, que leva à esfera do supra-sensível (*Fédon* 99 a – 100 a). Os remos da *segunda navegação* são os raciocínios e os postulados e, justamente, sobre eles se fundamenta o novo método⁴. Na imagem platônica, a *primeira navegação* simbolizava o percurso da filosofia realizado sob o impulso do vento da filosofia naturalista. As velas ao vento dos físicos eram os sentidos e as sensações. A *segunda navegação* representa, ao contrário, a contribuição pessoal de Platão, à navegação realizada sob o impulso de suas próprias forças, ou seja, em linguagem metafórica, sua elaboração pessoal. A *primeira navegação* revelara-se fora de rota, considerando que os filósofos pré-socráticos não conseguiram explicar o sensível através do próprio sensível. Já a *segunda navegação* encontra a nova rota, quando conduz à descoberta do supra-sensível, ou seja, do ser inteligível. Na *primeira navegação*, o filósofo permanece ainda prisioneiro dos sentidos e do sensível, enquanto, na *segunda navegação*, Platão tenta a libertação radical dos sentidos e do sensível e um deslocamento decidido para o plano do raciocínio puro e daquilo que é captável pelo intelecto e pela mente na pureza de sua atividade específica. Logo, o salto fundamental de Platão tornou-se possível por meio da *segunda navegação*. As *Idéias* platônicas são o originário qualitativo imaterial. Não são realidades de caráter físico, mas metafísico. Portanto, a analogia é clara: as coisas que captamos com os olhos do corpo são formas físicas; as coisas que captamos com o “olho da alma” são, ao contrário, formas não-físicas. O ver da inteligência capta formas inteligíveis que são exatamente essências puras. “O ver intelectivo implica, com sua razão de ser, o objeto visto intelectivo, ou seja, a *Idéia*”⁵.

Para Platão, o tipo de método dos naturalistas, fundado sobre os sentidos, não esclarece, mas obscurece o conhecimento. O novo tipo de método, portanto, deverá fundar-se sobre as *Idéias*, e mediante elas deverá tentar captar a verdade das coisas (*Fédon* 100 a – 101 d)⁶. A passagem do sensível ao supra-sensível, ou seja, a introdução de uma causa não-física, metafísica, torna-se necessária justamente para explicar o sensível e libertá-lo das contradições nas quais cairia se fosse deixado a si mesmo⁷. “O benefício da

⁴ Cf. IDEM, *Ibidem*, 108.

⁵ IDEM, *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*, 63.

⁶ Cf. IDEM, *Para uma nova interpretação de Platão*, 110. Sem dúvida, ao se tratar da nova interpretação dialética de Platão, é impossível não recordar os trabalhos da *Escola de Tübingen*, especialmente: H. J. KRÄMER, *Arete bei Platon und Aristoteles: zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*, Heidelberg: Winter, 1959; K. GAISER, *Platons ungeschriebene Lehre. Studien zur systematischen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der platonischen Schule*, Stuttgart: Klett-Cotta, 1998.

⁷ Cf. G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, 112.

‘segunda navegação’, como vimos, é a descoberta de um novo tipo de ‘causa’, que consiste nas realidades puramente inteligíveis”⁸. O sensível e o físico não são considerados causa verdadeira. Sensível é meio e instrumento mediante o qual a “causa verdadeira” se realiza. Neste sentido, a inteligência e a opinião devem ser cuidadosamente distintas quanto à sua origem e quanto à sua natureza. Segue-se, por conseguinte, que é necessário postular a existência de uma outra realidade, diferente da que percebemos. A realidade das *Idéias* é, pois, baseada na distinção entre dois modos de conhecimento e limita a pretensão do sensível de esgotar a verdade do real⁹.

Para Platão a transcendência das *Idéias* é justamente a razão de ser (ou seja, o fundamento) da sua imanência. As *Idéias* não poderiam ser a causa do sensível (isto é, a “causa verdadeira”) se não *transcendessem* o próprio sensível; e, justamente transcendendo-o ontologicamente podem ser o fundamento da sua estrutura ontológica imanente. Em resumo, *a transcendência das Idéias é justamente o que qualifica a função que elas cumprem de “causa verdadeira”*. Confundir esses dois aspectos ou nivelá-los de algum modo sobre o mesmo plano, significa esquecer inteiramente a “segunda navegação” e os seus resultados¹⁰.

Diante da multiplicidade dos seres contingentes, Platão postula uma realidade fixa, estável, absoluta (*Timeu* 52 a). No *Crátilo*, Platão sugere a existência de realidades permanentes¹¹, imutáveis e idênticas, as quais estão sempre acima das coisas que fluem (*Crátilo* 439 d). A teoria das *Idéias* é a aceitação das realidades absolutas, eternas, imutáveis, universais e independentes do mundo dos fenômenos¹². As coisas possuem uma natureza própria, estável, independente de nossa percepção e sentidos (*Crátilo* 386 a). Têm um ser permanente. Não são relativas a nós e, muito menos, dependem de nós. A ciência, por conseguinte, é adquirida somente pela razão e pela inteligência, que são as únicas faculdades que podem perceber, de alguma maneira, os objetos transcendentais e imutáveis do mundo superior¹³. Por isso, de acordo com Platão, se aceitarmos a tese de Protágoras, “o homem é a medida de todas as coisas”, no sentido de que aquilo que eu percebo ou sinto é verdadeiro para mim, e aquilo que tu percebes e sentes é verdadeiro para ti e não existe nenhum outro critério para estabelecer o conhecimento, então, o conhecimento real é impossível (*Crátilo* 386 a). No *Teeteto*, a existência das *Idéias*, das realidades em si mesmas, é apresentada como a única alternativa possível frente à teoria do fluxo (*Teeteto* 157 a – d). São a causa das coisas sensíveis (*Fédon* 99 c). São as

⁸ IDEM, *História da Filosofia Antiga II*, 55.

⁹ Cf. S. MANON, *Platão*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, 89.

¹⁰ G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 76.

¹¹ Cf. A. FOUILLÉE, *La Filosofía de Platón*, Buenos Aires, Ediciones Mayo, 1943, 9.

¹² Cf. G. M. A. GRUBE, *El pensamiento de Platón*, Madrid: Gredos, 1987, 19.

¹³ Cf. G. FRAILE, *Historia de la Filosofía I: Grecia y Roma*, Madrid: BAC, 1982, 349.

essências mesmas *em si* (*Fédon* 78 d). De acordo com Moreau, em Platão, não há conhecimento verdadeiro se, na mobilidade das impressões sensíveis, não se contrapuserem dialeticamente os objetos estáveis, isto é, as essências inteligíveis, irredutíveis à aparência sensível¹⁴.

As *Idéias* não são simples conceitos ou representações puramente mentais. Não são simples pensamentos, mas aquilo que o pensamento pensa quando liberto do sensível. Quando fala das *Idéias*, Platão refere-se aos conteúdos objetivos de nossos conceitos universais¹⁵. São o verdadeiro ser. São as essências objetivas. Aquilo que faz com que cada coisa seja aquilo que é. São *em si* e *por si*. Impõem-se ao sujeito de modo absoluto. São as verdadeiras causas de todas as coisas sensíveis, as quais, por natureza, são sujeitas à mudança. Caso contrário, não seriam as verdadeiras causas. Não seriam as razões últimas e supremas. O sensível só se explica mediante o recurso ao supra-sensível. Logo, segundo Platão, do mundo sensível, através da *segunda navegação*, ascendemos ao mundo inteligível, que representa a verdadeira causa do mundo sensível. A *Idéia* serve para determinar e julgar o sensível, mas não é uma representação abstrata do sensível, pois a experiência sensível, com sua mobilidade, jamais permite encontrar a perfeição da *Idéia*¹⁶. Portanto, se uma coisa é bela é porque há algo que outorga sua beleza às coisas belas (*Hípias Maior* 287 d – 288 a). É a presença do *Belo em si* que confere a beleza àquilo que reconhecemos como belo. Uma coisa não é bela por si mesma, senão porque participa do *Belo em si* (*Fédon* 100 c – d). Assim, quem reconhece a existência da beleza absoluta e é capaz, por sua vez, de perceber esta beleza e as coisas que dela participam sem confundir estas coisas com o belo e nem o belo com as coisas (*República* 476 c – d)¹⁷ possui uma vida verdadeira e seu pensamento é conhecimento¹⁸. “Conhecer consiste sempre em tornar inteligível uma matéria graças a *Idéias* cuja universalidade e necessidade são uma garantia de objetividade”¹⁹. *Idéia* é a causa que serve de modelo aos objetos cuja constituição está inscrita na natureza desde a eternidade²⁰.

A *Idéia* é um princípio de unidade na multiplicidade²¹, pois é próprio do homem, através da intelecção, compreender o geral e buscar reunir em uma só *Idéia* todas as coisas particulares. Segundo Lima Vaz, o pensamento, em Platão, eleva-se de *Idéia* em *Idéia* até conceber uma unidade bastan-

¹⁴ Cf. J. MOREAU, *Réalisme et idéalisme chez Platon*, Paris: PUF, 1951, 9.

¹⁵ Cf. F. COPLESTON, *Historia de la Filosofía I: Grecia y Roma*, Barcelona: Ariel S.A., 21986, 175.

¹⁶ Cf. S. MANON, *op. cit.*, 83.

¹⁷ Este raciocínio vale também para o Bom em si, para o Justo em si, para o Santo em si e para cada uma das outras coisas, nas quais imprimimos o selo do *ser em si* (*Fédon*, 75 c – d).

¹⁸ Cf. J. BRUN, *Platón y la Academia*, Barcelona: Paidós, 1992, 73.

¹⁹ S. MANON, *op. cit.*, 84.

²⁰ Cf. J. BRUN, *op. cit.* 75.

²¹ Cf. A. FOUILLÉE, *op. cit.*, 144.

te ampla, capaz de abarcar *em si mesma* todas as demais *Idéias*, as quais são apreendidas, portanto, mediante o *lógos*²². Logo, encontrar no seio do múltiplo o elemento comum é obra da razão e unicamente por meio dela resulta possível conhecer as *Idéias*. Esta unidade não é somente a perfeição de um gênero. É a perfeição absoluta, o perfeito em si, o *Bem em si*, donde a identidade e a diferença estão para sempre unidas. Platão vê, por conseguinte, no *Uno* o princípio último e a fonte do mundo das *Idéias*. Pensa que o *Uno* transcende os predicados humanos. As *Idéias* procedem do *Uno*. Entretanto, o *Uno* não existe sem o múltiplo, assim como os objetos do mundo físico não estão totalmente deficientes de toda a unidade, pois participam das *Idéias* ou imitam-nas e, portanto, compartilham um certo grau de ordem do mundo metafísico. O *Uno* não existe sem o múltiplo, assim como o múltiplo não existe sem o *Uno*²³. Logo, se há o múltiplo há de se buscar o *Uno* com relação a si mesmo e ao múltiplo (*Parmênides* 136 a). Não é estranho que o todo seja *Uno* por participação da unidade e múltiplo por participação da multiplicidade (*Parmênides* 129 a). Neste sentido, progredindo nesta tese, Platão, no *Sofista*, trabalha minuciosamente a problemática da unidade e multiplicidade. Urge, por conseguinte, superar a tese parmenideana, “o ser é e o não-ser não é” (*Sofista* 240 e; 241 d). É preciso entender o não-ser não como o contrário do ser, senão como outro do ser (*Sofista* 256 d – e). Pois o não-ser é tão real quanto o ser²⁴. Não existe o não-ser como negação do ser. O não-ser é, pois, a alteridade e não o impensável, o oposto absoluto do ser (*Sofista* 257 a). Toda *Idéia*, para ser a *Idéia* que efetivamente é, deve ser diferente de todas as outras, ou seja, deve não-ser todas as outras. Assim, toda *Idéia* possui certa dose de ser, mas, ao mesmo tempo, um não-ser infinito no sentido de que, exatamente por ser a *Idéia* que é, deve não-ser todas as outras.

Platão, na *República*, chama o *Princípio Supremo* de *Bem*²⁵. No *Bem*, a unidade não é somente a perfeição de um gênero. É a perfeição absoluta. É o perfeito *em si*. É o *Bem em si* no qual identidade e diferença estão unidas. O *Bem*, aos olhos de Platão, é a *Idéia Suprema* que constitui o tema do mais alto grau do conhecimento (*República* 505 a), o qual, não obstante seja o grau mais elevado do conhecimento, constitui-se também no mais difícil, pois o *Bem* permanece sempre mais além de tudo o que o homem pode alcançar. Por isso, enquanto *em si absoluto*, a *Idéia* do *Bem* propaga luz sobre os objetos do conhecimento e confere ao sujeito, que conhece, o poder

²² Cf. H. Cl. de LIMA VAZ, Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas, in: *Síntese*, v. 20, n° 61, 1993, 187.

²³ Se o *Uno* não existe, nada é, pois, para Platão, o *Uno* é o princípio último e a fonte do mundo das *Formas*. Cf. F. COPLESTON, *op. cit.*, 188.

²⁴ Cf. A. DIËS, *La définition de l'Être et la nature dans "Le Sophiste" de Platon*, Paris, Vrin: 1932, p. 127.

²⁵ Cf. F. COPLESTON, *op. cit.* 190. No vértice do mundo ideal está a *Idéia* do *Bem*, a qual é origem não do conhecimento, mas da essência e da existência dos objetos conhecidos, isto é, das *Idéias*. Cf. A. FREIRE, *O pensamento de Platão*, Braga: Livraria Cruz, 1967, 79.

de conhecer (*República* 508 a – 509 b), sendo que “(...) o verdadeiro conhecimento consiste em saber unificar a multiplicidade numa *visão sinótica que reúne a multiplicidade sensorial na unidade da Idéia da qual depende*”²⁶.

E, de acordo com Platão, a matemática resulta na ciência que nos coloca no caminho do inteligível. A matemática ajuda-nos a descobrir o inteligível²⁷. É meio de elevação e conversão à esfera do puro inteligível (*República* 525 b – d). Ajuda a conduzir à essência, a fim de alcançar a *Verdade em si* (*República* 526 a – b), embora não estude o que nasce e morre. Estuda, por sua vez, exclusivamente, o conhecimento do que sempre é (*República* 527 b). Por isso, a matemática não é a ciência mais sublime e suprema. É tão-somente uma propedêutica. É apenas prelúdio (*República* 531 d). É uma ciência à medida que nos coloca na via do inteligível. A dialética é a ciência das essências. Cabe à dialética, portanto, o esforço para empreender em que é que aquilo que está separado deve ser unido, não segundo a medida do homem, mas segundo a medida do *Uno*, uma vez que na base de todo devir está uma finalidade, que a dialética tem a responsabilidade de descobrir²⁸. Por isso, o dialético não apenas alcança o conhecimento da essência de cada coisa, mas alcança a visão sinótica de todas as coisas à luz da unidade, que é o *Bem* (*República* 534 b – c). Tem, por conseguinte, dois movimentos o *ascendente* e o *descendente*²⁹. O *ascendente* eleva-se de *Idéia* em *Idéia* até eliminar toda hipótese e chegar à *Idéia* de todas as *Idéias*, o *Bem*. Vai do múltiplo ao *Uno*, a fim de descobrir o princípio de cada coisa e finalmente o *Princípio* dos *Princípios* (*República* 509 b). O *descendente* procura desenvolver, mediante o poder da razão, as diferentes conseqüências do *Princípio* não-hipotético sobre o qual tudo repousa e reconstruir a série das *Idéias* sem recorrer à experiência (*Fedro* 265 e). Eis, aqui, portanto, a sublime missão do filósofo. Saber ver o conjunto e captar a multiplicidade na unidade³⁰, porque “(...) quem sabe ver o conjunto é dialético, quem não sabe não o é” (*República* 537 c), já que o fundamento da dialética está na relação do *Uno-Muitos*, ou seja, o *Uno* é *Muitos* e *Muitos* são o *Uno* (*República* 532 d – 534 e; *Filebo* 14 c; *Timeu* 68 d).

b) As características principais das *Idéias*

A caracterização da Doutrina das *Idéias*, segundo Reale³¹, pode ser resumida nestas seis características: — a *inteligibilidade*: a *Idéia* é, por excelência,

²⁶ G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 74.

²⁷ Na matemática, Platão viu o exemplo mais claro do poder da mente de perceber as relações entre universais. Cf. D. ROSS, *Plato's theory of ideas*, Wesport/Connecticut, Greenwood Press, 1976, 225.

²⁸ Cf. J. BRUN, *Sócrates, Platão, Aristóteles*, Lisboa, Dom Quixote, 1994, 145.

²⁹ Cf. J. BRUN, *Platón y la Academia*, 72.

³⁰ G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 75.

³¹ Acerca da caracterização da Doutrina das *Idéias*, seguimos aqui a análise de Giovanni REALE em *História da Filosofia Antiga II*, 64-74 e em *Para uma nova interpretação de Platão*, 123-139.

o objeto da inteligência e só com a inteligência pode ser captada; — a *incorporeidade*: a *Idéia* pertence a uma dimensão totalmente diversa do mundo corpóreo sensível; — o *ser no sentido pleno*: as *Idéias* são o ser que é verdadeiramente; — a *imutabilidade*: as *Idéias* são imunes a todo tipo de mudança e não só ao nascer e ao perecer; — a *perseidade*: as *Idéias* são em si e por si, isto é, absolutamente objetivas; — a *unidade*: cada *Idéia* é uma unidade e unifica a multiplicidade das coisas que dela participam, isto é, cada *Idéia* é uma unidade e, como tal, explica as coisas sensíveis que dela participam, constituindo, deste modo, uma multiplicidade unificada e justamente, por isso, o verdadeiro conhecimento consiste em saber unificar a multiplicidade numa visão sinótica que reúne a multiplicidade sensorial na unidade da *Idéia* da qual depende.

As Idéias são realidades inteligíveis e incorpóreas. A primeira característica que define a estatura metafísica das *Idéias* é a inteligibilidade à qual está estreitamente ligada à característica da incorporeidade. O novo método conquistado com a *segunda navegação*, que Platão contrapõe ao dos naturalistas, funda-se sobre raciocínios e sobre a realidade que se capta só com raciocínios, e esta é justamente a realidade inteligível das *Idéias*³². A inteligibilidade, portanto, exprime uma característica essencial das *Idéias*, que as contrapõe ao sensível, que lhes impõe um âmbito de realidade subsistente acima do próprio sensível, e que, justamente, por isso, só é captável com a inteligência que saiba destacar-se, adequadamente, dos sentidos (*Fédon* 65 d – 66 a).

Platão introduz uma nítida distinção de dois planos da realidade: o do inteligível e o do sensível. Esta é a nítida distinção do plano metafísico e do plano físico. É a distinção estabelecida pela primeira vez na história do pensamento ocidental. A distinção dos dois planos da realidade, o do inteligível e o do sensível, constitui verdadeiramente a via mestra de todo o pensamento platônico³³. Segundo Lima Vaz, Platão busca, a partir da ordenação inteligível, organizar o mundo do sensível e do opinável. O *lógos* do inteligível não é mais do que a dialética da *Idéia*. O movimento essencial que o anima é sempre a redução do múltiplo a partir do Uno. “Logo, a dialética da *Idéia* como leitura filosófica do mundo humano significa uma ordenação ao Uno e uma explicação, a partir do Uno, do múltiplo que se manifesta no mundo dos homens como desordenado e insensato e que é representado, segundo Platão, pela desmesura da *hybris*”³⁴.

O inteligível, que, por natureza, é incorpóreo, privado de materialidade, de limitações e de confins, não é captável pelos sentidos, mas apenas pela

³² Cf. IDEM, *Para uma nova interpretação de Platão*, 123.

³³ Cf. *Ibidem*, 125.

³⁴ H. Cl. de LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia III. Filosofia e Cultura*, São Paulo, Loyola, 1997, 18.

inteligência, transcendendo, por conseguinte, a dimensão do físico e do corpóreo. Com efeito, as coisas incorpóreas, que são as mais belas e as mais importantes, manifestam-se claramente somente pelo raciocínio e de nenhuma outra maneira (*Político* 286 a). Para Platão, o incorpóreo transcende não só as características dos corpos físicos, mas a própria fonte material dos corpos físicos. É uma forma inteligível, que age como causa determinante, ou seja, como causa verdadeira e real (*Sofista* 246 b). Assim, segundo Reale, para Platão:

(...) as realidades empíricas são sensíveis, ao passo que as Idéias são inteligíveis; as realidades físicas são mescladas com o não-ser, enquanto as Idéias são ser em sentido puro e total; as realidades sensíveis são corruptíveis, enquanto as Idéias são realidades estáveis e eternas; as coisas sensíveis são relativas, ao passo que as Idéias são absolutas; as coisas sensíveis são múltiplas, ao passo que as Idéias são unidade. (...) Para Platão a transcendência das Idéias é justamente a razão de ser (ou seja, o fundamento) da sua imanência. As idéias não poderiam ser a causa do sensível; e, justamente transcendendo-o ontologicamente podem ser o fundamento da sua estrutura ontológica imanente. Em resumo, a transcendência das Idéias é justamente o que unifica a função que elas cumprem de 'causa verdadeira'. Confundir esses dois aspectos ou nivelá-los de algum modo sobre o mesmo plano, significa esquecer inteiramente a 'segunda navegação' e os seus resultados³⁵.

Com as *Idéias*, Platão descobriu o mundo inteligível como dimensão incorpórea e metaempírica do ser. E esse mundo do inteligível incorpóreo transcende o sensível, não no sentido de uma absurda separação, mas no sentido da causa metaempírica, a verdadeira razão de ser do sensível. Não é possível, por conseguinte, insistir e sustentar a tese, em Platão, à luz da leitura aristotélica, a respeito do dualismo da separação das *Idéias* das realidades sensíveis. Trata-se de um puro preconceito teórico que se deve rigorosamente evitar quando se deseja compreender de modo coerente Platão³⁶. Segundo Reale, "(...) o dualismo de Platão não é senão o dualismo de quem admite a existência de uma causa supra-sensível como razão de ser do próprio sensível, convencido de que o sensível, por causa da sua autocontraditoriedade, não pode possuir uma razão de ser total de si mesmo"³⁷.

As *Idéias* são puro ser. As *Idéias* são repetidamente qualificadas por Platão como o verdadeiro ser, ser *em si*, ser estável e eterno, ser que se põe num plano totalmente diferente do sensível³⁸. Esta característica indica que as *Idéias* não nascem nem morrem, nem crescem nem diminuem, nem mudam nem advêm de alguma maneira. As *Idéias* são em sentido absoluto. São ser *em si* e *por si*. Não podem sofrer mutações. "É necessário que permaneçam sempre na mesma condição" (*Fédon* 78 d). Não podem mudar e devem ser sempre (*República* 485 b). São em sentido absoluto a fim de

³⁵ G. REALE, *História da Filosofia II*, 75-76.

³⁶ IDEM, *Para uma nova interpretação de Platão*, 143.

³⁷ *Ibidem*, 143.

³⁸ Cf. *Ibidem*, 126.

explicar o devir. “Para explicar verdadeiramente o *devir*, as Idéias não devem estar sujeitas a ele, mas devem *ter como próprio o ser que o devir, não o tendo como seu, deve tomar de empréstimo e receber*”³⁹. Pois o mundo do devir é o mundo sensível, o mundo do ser e do imóvel é o mundo do inteligível.

Dito de outro modo: o mundo das coisas sensíveis tem as características que Heráclito, e sobretudo os heraclitanos, atribuíam a todo ser; enquanto o mundo das Idéias tem as características de Parmênides e os eleatas atribuíam a todo ser. Platão compõe a antítese entre as duas Escolas *justamente com a distinção dos dois planos diversos do ser*: não *todo ser* é como queriam os heraclitanos, mas só o ser sensível; e analogamente não *todo ser* é como queriam os eleatas, mas só o ser inteligível, as Idéias. A dimensão do *ser* (naturalmente reinterpretado de maneira adequada) de que falava Parmênides é a “causa” (a “verdadeira causa”), o *devir* de que falavam os heraclitanos é, ao contrário, o “causado”⁴⁰.

As Idéias são realidades imutáveis em si e por si. A imutabilidade e a *perseidade* são características importantíssimas para compreender o pensamento platônico, muito embora justamente destas duas características, particularmente da *perseidade*, surgiram muitas críticas contra Platão, cuja origem remonta, ainda hoje, a Aristóteles⁴¹. Na realidade, a objetividade absoluta das Idéias, no contexto platônico, tem um significado bem mais complexo e, teoreticamente, bem mais consistente. Com efeito, Platão amadurecera e fixara a sua teoria das Idéias em oposição a duas formas de relativismo⁴² estreitamente unidas entre si⁴³. A primeira forma de relativismo é de origem *heraclitiana*, a qual, proclamando o fluxo perene e a radical mobilidade de todas as coisas, chegava a dispersar cada coisa numa multiplicidade irreduzível de estados relativos móveis e, assim, acabava por torná-la inalcançável, incognoscível, ininteligível⁴⁴. A segunda forma de relativismo

³⁹ *Ibidem*, 129.

⁴⁰ *Ibidem*, 129.

⁴¹ Para análise da crítica aristotélica, cf., sobretudo ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 6, 987 a 30 – b 10; XIII, 4, 1078 b 10 – 1079 a 15. Acerca da polêmica de Aristóteles com Platão, num artigo muito elucidativo sobre a o problema metafísico da doutrina das Idéias em Platão, após afirmar que entender a filosofia significa entender Platão, Martin sustenta a tese de que, para entender Platão, mais importante do que perguntar se as idéias existem é perguntar como elas existem. Cf. G. MARTIN, *Das metaphysische Problem der Ideenlehre Platons*, *Kant-Studien*, 53, 1961/62, 411.

⁴² O adversário direto de Platão é sempre o relativismo dos Sofistas, relativismo moral que se une facilmente ao egoísmo utilitário e imperialista. Cf. P-M. SCHUHL, *L'Ouvre de Platon*, Paris: Vrin, 51971, 121.

⁴³ Cf. G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 70.

⁴⁴ Platão trata de superar as antíteses entre o uno e o múltiplo, o móvel e o imóvel, o relativo e o absoluto. Platão, ante a multiplicidade dos seres contingentes, postula uma realidade fixa, estável e absoluta. Cf. G. FRAILE, *op. cit.*, 324.

é a *sofístico-protagoriana*, que reduzia toda realidade e toda ação a algo puramente subjetivo e fazia do próprio sujeito a medida, ou seja, o critério de verdade de todas as coisas (*Teeteto* 157 a – d). Neste sentido, para Grube, a existência das *Idéias* apresenta-se sempre como a única alternativa possível frente à teoria do fluxo, pois a negação de tais realidades em si mesmas arrasta consigo também a negação dos valores morais⁴⁵.

Contra o relativismo de origem *heraclitiana*, Platão busca aprofundar a característica da *imutabilidade*. Segundo Platão, as coisas empíricas e os sensíveis podem mudar e transformar-se, mas não muda, nem pode mudar a *coisa em si*, o inteligível. Ao declarar que as *Idéias* são imutáveis, Platão afirma que a verdadeira causa que explica o que muda não pode, ela mesma, mudar, caso contrário, não seria a verdadeira causa, ou seja, a razão última⁴⁶. Para Platão, não seria sequer racional falar de conhecimento se todos os seres mudassem e nada permanecesse (*Crátilo* 440 a – b). As *Idéias*, por conseguinte, foram introduzidas como postulado com a finalidade de superar as contradições nas quais se cai ao explicar o sensível pelo sensível e o mutável pelo mutável (*Crátilo* 386 d – e)⁴⁷. Contra o relativismo *sofístico-protagoriano*, Platão aprofunda a característica da *perseidade* no sentido de solidez e estabilidade.

Meditando essas duas formas de relativismo, Platão concebeu e fixou duas características fundamentais das *Idéias*, justamente a *imutabilidade* e a *perseidade*, ou seja sua objetividade estável; as *Idéias* têm uma realidade que não é arrastada no vir-a-ser e não é relativa ao sujeito, uma realidade que não é impelida pela mudança contínua e não pode ser manipulada segundo o capricho do sujeito, mas implica uma firmeza e uma estabilidade estruturais. Se assim não fosse, todos os nossos conhecimentos e as nossas avaliações (em particular nossas avaliações morais) estariam carentes de qualquer significado e o nosso falar não teria sentido algum. Numa palavra, a *imutabilidade* e o *em-si* e o *por-si* das *Idéias* implicam a sua natureza absoluta⁴⁸.

As *Idéias* são caracterizadas pela unidade. A última característica das *Idéias* é a unidade. Cada *Idéia* é uma unidade e, como tal, explica as coisas sensíveis que dela participam, constituindo uma multiplicidade unificada. E, justamente, por isso, o verdadeiro conhecimento consiste em saber unificar a multiplicidade numa visão sinótica, que reúna a multiplicidade sensível na unidade da *Idéia* da qual depende⁴⁹. Platão procura, segundo Lafrance, uma teoria que lhe permita tirar as formas de seu isolamento e conceber um entrelaçamento das formas que constituem o fundamento ontológico da unidade e da multiplicidade encontradas no seio do sensi-

⁴⁵ Cf. G. M. A. GRUBE, *op. cit.*, 72.

⁴⁶ Cf. G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, 133.

⁴⁷ Cf. IDEM, *História da Filosofia Antiga II*, 71.

⁴⁸ *Ibidem*, 73.

⁴⁹ IDEM, *Para uma nova interpretação de Platão*, 136.

vel⁵⁰. Logo, em Platão, a *Idéia* é concebida como um princípio de unidade na multiplicidade⁵¹, porque, se concebemos a unidade, é mister que ela exista numa unidade real que não seja o pensamento, mas sim a *Idéia* (*Parmênides* 129 c – e).

A tarefa da filosofia, de acordo com Platão, é, por um lado, mostrar a necessidade da filosofia e a competência do filósofo em realizar a cura da patologia do múltiplo desordenado e dividido no qual os homens se perdem. Por outro, sua tarefa é edificar o modelo ideal, isto é, o modelo de inteligibilidade do mundo humano, segundo a ordem do múltiplo que procede da unidade verdadeira⁵². Nisso consiste o que separa o homem comum, que se limita ao sensível, do filósofo. Enquanto este sabe ver o conjunto e sabe captar a multiplicidade na unidade, aquele se agarra ao múltiplo, repelindo a unidade. Na base de todo devir se encontra uma finalidade e cabe à dialética descobri-la (*República* 537 c). O dialético não apenas alcança o conhecimento da essência de cada coisa (*República* 534 b), mas também alcança uma visão sinótica de todas as coisas (*República* 537 c). “Que os muitos sejam um e que o um seja muitos é uma afirmação maravilhosa” (*Filebo* 14 c) a partir da qual se pode formular a prova derivada da unidade do múltiplo.

(...) se existem muitos homens e cada um deles é, justamente, homem e, portanto, se existe algo que se predica de cada um e de todos os homens sem ser idêntico a cada um deles, então é necessário que exista algo além de cada um deles, separado deles e eterno, e que justamente enquanto tal se possa predicar identicamente de todos os homens numericamente diferentes. E precisamente esse ‘uno que está além dos muitos’, que os transcende e é eterno, é a *Idéia*⁵³.

c) O problema da relação entre o mundo das *Idéias* e o mundo sensível

A natureza das *Idéias* platônicas e, conseqüentemente, a interpretação da relação entre o mundo das *Idéias* e o mundo sensível foi objeto de mal-

⁵⁰ Cf. Y. LAFRANCE, *La théorie platonicienne de la doxa*, Paris-Montréal, Beles-Lettres-Bélarmin, 1981, 311.

⁵¹ Segundo Platão, toda essência, elevada ao mais alto grau de perfeição, de unidade, estando determinada, não pode se confundir com outra coisa. Quanto mais una e pura é, mais ela se diferencia do que não é. Elevar as essências à sua perfeição ideal é, pois, fazê-las perfeitamente distintas desde o ponto de vista mesmo da essência. Dando-lhes a perfeição, nós lhe damos o absoluto do ser, mas não são todo o demais. Atribui-se-lhes, pois, o não-ser relativamente à multidão indefinida das outras essências. Deste modo, elevando as coisas ao absoluto, chega-se à unidade na diferença e à diferença na unidade. Cf. A. FOUILLÉE, *op. cit.*, 86

⁵² Para Platão, esse modelo é construído por meio da dialética do Bem e a *pólis* real deverá ser o reflexo da sua perfeição. Cf. H. C. de LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia III*, 18.

⁵³ G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, 139.

entendidos⁵⁴, sobretudo a partir da leitura sustentada por Aristóteles, na *Metafísica*. Segundo Aristóteles, o erro de Platão consiste em ter separado as *Idéias* das coisas sensíveis e ter posto uma segunda realidade inexplicada sobre a qual pretendia dar razão⁵⁵. Teríamos, então, por um lado, o homem sensível e, por outro, o homem inteligível e precisamente o que resulta comum a ambas classes de homens nos levaria a falar de um terceiro homem, de um quarto e assim até o infinito⁵⁶. De acordo com Aristóteles, pode-se evitar a objeção ao terceiro homem somente se convertermos os universais, não em substâncias, como, em sua opinião, fez Platão, mas em predicados comuns de qualidades, de onde surge a idéia aristotélica de forma⁵⁷. Contudo, porque não é o objetivo deste artigo analisar a crítica aristotélica à teoria das *Idéias* de Platão, apresentamos, a seguir, ainda que rapidamente, tão-somente alguns aspectos que tratam de uma relação entre o sensível e o inteligível em Platão.

Segundo Reale, Platão, nos seus escritos, apresenta algumas perspectivas, afirmando que entre o sensível e o inteligível existe uma relação de *mímesis* ou de *imitação*, de *métexis* ou de *participação*, de *koinonía* ou de *comunhão*, de *parusia* ou de *presença*⁵⁸. No *Fédon*, Platão disse que esses termos deveriam ser entendidos como simples propostas sobre as quais ele não pretendia insistir de modo algum, e às quais não pretendia dar consistência de uma resposta última e definitiva, porque essa implicava ter chegado à teoria dos *Princípios*. Fundamentalmente, Platão tinha em vista estabelecer que a *Idéia* é a causa verdadeira do sensível, ou seja, o princípio das coisas, a sua *ratio essendi*, o seu fundamento e a sua condição metafísica. “Em suma, ele pretendia deter-se no primeiro nível alcançado na primeira fase da ‘segunda navegação’. De fato, para chegar à resposta última seria necessário recorrer à protologia das ‘Doutrinas não-escritas’”⁵⁹. Isso, porém, não nos é possível realizar nesta reflexão.

Permanecendo, portanto, na primeira etapa da *segunda navegação*, ainda que não resolva satisfatoriamente o problema da relação entre o mundo sensível e o mundo das *Idéias*, Platão esboça, embora não ainda de forma

⁵⁴ Há uma necessidade de repensar a visão clássica de um Platão dualista. Os diálogos revelam uma tendência progressiva de superação da dicotomia entre mundo das formas e mundo sensível, que vem acompanhada de um tratamento renovado das oposições. Cf. E. LUFT, *Contradição e dialética: um estudo sobre o método dialético em Platão*, in: *Síntese*, v. 23, nº 75, 1996, 455-502.

⁵⁵ Aristóteles entende a natureza das *Idéias* platônicas como entidades ontológicas, reais, subsistentes, distintas e separadas das coisas sensíveis. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 4, 990 b; III, 2, 997 b; VII, 6, 1031 a; VII, 8, 1033 b; VII, 13, 1038 b; VII, 14, 1039 a; VII, 16, 1040 b; VIII, 1, 1042 a; IX, 7, 1051 a; XI, 1, 1053 b; XII, 3, 1070 a; XII, 6, 1071 b; XIII, 1, 1075 a; XIII, 5, 1078 b; XIII, 5, 1079 b; XIII, 9, 1085 a.

⁵⁶ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 9, 990 b; XIII, 4, 1079 a.

⁵⁷ Cf. J. BRUN, *Platón y la Academia*, 75.

⁵⁸ Cf. G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 80.

⁵⁹ *Ibidem*, 80.

segura, uma tentativa de resolução de tal problemática. Entre os dois mundos, o ideal e o sensível, existe uma relação estreita, pois, se temos de conhecer aquele, então, deve haver, neste, alguma base objetiva que nos capacite conhecer aquele⁶⁰. Assim, embora este seja um problema de difícil resolução, Platão tenta explicá-lo a partir da *imitação*, *participação*, *comunhão*, *presença*⁶¹. O sensível é *imitação* do inteligível, porque o imita, mesmo sem jamais conseguir igualá-lo (*Parmênides* 132 d; *Sofista* 240 c; 251 a; 257 b; 259 a; *Fedro* 250 a – 251 c). As relações entre as *Idéias* e as coisas particulares do mundo sensível se expressam por meio da *participação* (*Simpósio* 211 b; *Fédon* 78 c; 100 d), ou seja, o sensível, na medida em que realiza a própria essência, *participa* do inteligível, isto é, tem parte no inteligível⁶². Pode-se dizer também que o sensível tem uma *comunhão*, ou seja, uma tangência com o inteligível, já que este é causa e fundamento daquele. O que o sensível tem de ser e sua cognoscibilidade ele o extrai do inteligível na medida em que este ser e esta inteligibilidade têm uma *comunhão* com o inteligível (*Fédon* 74 d; 75 b). Pode-se dizer também que o inteligível é *presente* no sensível na medida em que a causa está no causado, o princípio no principiado, a condição no condicionado⁶³.

Desse modo, a terminologia platônica torna-se clara. O célebre termo “paradigma”, ou seja, “modelo”, com o qual Platão designa o papel das *Idéias* em confronto com os sensíveis que as imitam e são como suas cópias⁶⁴, torna-se, agora, claro. “A idéia é o modelo eterno, imutável, o paradigma que a coisa sensível imita de maneira mais ou menos semelhante. As cópias não têm a perfeição dos originais, mas deles derivam”⁶⁵. Nessa perspectiva, para Platão, a transcendência das *Idéias* é justamente a razão de ser da sua imanência. As *Idéias* não poderiam ser a causa do sensível se não transcendessem o próprio sensível. Por isso, transcendendo-o ontologicamente, as *Idéias* podem ser o fundamento de sua estrutura imanente. “Em resumo, a transcendência das *Idéias* é, justamente, o que qualifica a função que elas cumprem de ‘causa verdadeira’”⁶⁶. Então, o dualismo platônico não é senão o dualismo de quem admite a existência de uma causa supra-sensível como razão de ser do próprio sensível, convencido de que o sensível, por causa de sua autocontraditoriedade, não pode possuir uma razão de ser total de si mesmo⁶⁷.

⁶⁰ Cf. F. COPLESTON, *op. cit.*, 192.

⁶¹ G. FRAILE, *op. cit.*, 346.

⁶² “A Idéia, diz Platão, que pela ontologia da participação existe no âmago de cada coisa, é o princípio de ordem que a determina e que comanda seu desenvolvimento” (C. CIRNE-LIMA, *Dialética para principiantes*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 21997, 44).

⁶³ G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 80; Idem, *Para uma nova interpretação de Platão*, 155.

⁶⁴ Cf. IDEM, *História da Filosofia Antiga II*, 81.

⁶⁵ S. MANON, *op. cit.*, 94.

⁶⁶ G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, 139.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 143.

A relação, entretanto, entre as coisas e as *Idéias* não pode ser pensada como imediata. É necessário pensar um *mediador*, ou seja, um princípio que realize a imitação, assegure a participação, atualize a presença e seja fundamento da comunhão⁶⁸. Segundo Platão, por um lado, há o mundo dos seres sensíveis, que compreende todo o universo físico e, por outro, o supramundo eterno das *Idéias*, as quais são transcendentais, perfeitas, inteligentes, incorpóreas, imutáveis, incorruptíveis, puras⁶⁹. Este é o problema da *Inteligência*. Segundo Platão, a mediação entre o sensível e o inteligível é obra de uma *Inteligência Suprema*, associada à imagem tornada clássica do *Demiurgo*, isto é, à imagem de um *Artífice* que plasma o Princípio material em função do modelo das *Idéias*, fazendo com que cada coisa se assemelhe e imite mais perfeitamente possível o seu “paradigma ideal”. No *Timeu*, Platão nos diz que o *Demiurgo* plasmou um mundo segundo outro mundo idêntico e uniforme, de modo que este nosso mundo é a imagem e a cópia do mundo eterno (*Timeu* 29 a – b)⁷⁰. Por fim, salientamos que nos damos por satisfeitos se esta breve reflexão possibilitou esclarecimentos, suscitou questionamentos e/ou fomentou novas perguntas acerca da *Doutrina das Idéias em Platão*, já que o perguntar é uma das principais atitudes, senão a primeira, do filosofar.

Bibliografia

- ARISTÓTELES, *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969
- BOMBASSARO, L. C. e PAVIANI, J. (Orgs). *Filosofia, Lógica e Existência. Home-nagem a Antonio Carlos Kroeff Soares*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997
- BRUN, J. *Platón y la Academia*. Barcelona: Paidós, 1992
- BRUN, J. *Sócrates, Platão, Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote, 1994
- CIRNE-LIMA, C. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997
- COPELSTON, F. *Historia de la Filosofía I: Grecia y Roma*. Barcelona: Ariel S.A., 1986
- DIÈS, A. *La définition de l'Être et la nature dans 'Le Sophiste' de Platon*. Paris: Vrin, 1932
- FINE, G. *On Ideas. Aristotle's Criticism of Plato's Theory of Forms*. Oxford: Clarendon Press, 1993
- FOUILLÉE, A. *La Filosofía de Platón*. Buenos Aires: Ediciones Mayo, 1943

⁶⁸ Cf. G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, 81.

⁶⁹ Cf. G. FRAILE, *op. cit.*, 348.

⁷⁰ Cf. G. REALE, *História da Filosofia Antiga II*, p. 82.

- FRAILE, G. *Historia de la Filosofía I: Grecia y Roma*. Madrid: BAC, 1982
- FREIRE, A. *O pensamento de Platão*. Braga: Livraria Cruz, 1967
- GRUBE, G. M. A. *El pensamiento de Platón*. Madrid: Gredos, 1987
- LAFRANCE, Y. *La théorie platonicienne de la doxa*. Paris/Montréal: Beles-Lettres-Bélarmin, 1981
- LIMA VAZ, H. Cl. de. *Escritos de Filosofia III. Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997
- _____. Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas, in: *Síntese*, v. 20, nº 61, 1993: 181-197
- LUFT, E. Contradição e dialética: um estudo sobre o método dialético em Platão, in: *Síntese*, v. 23, nº 75, 1996: pp. 455-502
- MANON, S. *Platão*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- MARTIN, G. Das metaphysische Problem der Ideenlehre Platons, in: *Kant-Studien*, 53, 1961/62: pp. 411-441
- MOUREAU, J. *Réalisme et idéalisme chez Platon*. Paris: PUF, 1951
- PLATONE, *Tutti Gli Scritti*. A cura di Giovanni Reale. Milano: Rusconi, ⁶1997
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1994
- _____. *Para uma nova interpretação de Platão. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das "Doutrinas não-escritas"*. São Paulo: Loyola, 1997
- ROBIN, L. *La théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote. Étude historique et critique*. Paris, 1908
- ROSS, D. *Plato's theory of ideas*. Wesport/Connecticut: Greenwood Press, 1976
- SCHUHL, P-M. *L'Oeuvre de Platon*. Paris: Vrin, ⁵1971.

Endereços residencial e eletrônico:
 Rua Matteo Gianella, 1292
 Caixa Postal 349
 Bairro Santa Catarina
 95001 970 – Caxias do Sul – RS
 paulocesarnodari@hotmail.com
 pcnodari@bol.com.br